

tanto, que outro é o nosso ritmo de vida, e assim o queremos conservar. Não consideramos a prolongada sesta como sinal de preguiça ou atrazo, antes uma maneira de adaptação ao ambiente, no sentido em que adaptação se confunde com alimentação, no dizer de Gilberto Freyre. Outra é a nossa arte, a nossa técnica, a nossa música, a nossa dança, e deve ser também o nosso regime político. O nosso trabalho deve conter o sentido de repouso do índio, a alegria do negro, a tenacidade do português, tudo animado pela inteligência e o espírito de criação do brasileiro. O progresso há de ser um ritmo nosso, não querendo dizer com isso que se despreze o exemplo de técnicas mais avançadas. A orientação do tempo livre também precisa conter um suporte nacional através dos meios de divulgação, televisão, rádio, jornal, cinema, livros, sem nada de imposto e standardizado. Recordamos que Gramsci, o fundador do Partido Comunista Italiano, considerado um dos grandes críticos literários contemporâneos, inicialmente discípulo de Benedetto Croce, advogava para o seu país uma literatura folhetinesca nacional. Sabia ele que sempre haveria, em qualquer regime, um público para tal espécie de leitura, possuidora de certo fundo ético, onde o bem sempre sobrepuja o mal. Pois bem, nas atuais novelas de televisão, que nos tempos atuais parecem substituir tal espécie de literatura, o que se encontra, com mais frequência, são dramalhões importados de outros países.

Para terminar, podemos concordar com Ariano Suassuna que não devemos falar tanto em lazer num país de tão grandes recursos naturais, ainda para serem explorados, sob pena de ficarmos entregues a um irremediável atrazo. Mas, acredito que o lazer, as horas não dedicadas ao trabalho podem ser melhor orientadas, não no sentido de um se divertir-esgotante, mas de um se divertir-aprendendo, que ajude o homem a melhor se integrar na sociedade, ofereça melhores condições para a sua luta de emancipação.

POEMAS DIDÁTICOS

FRANCISCO BANDEIRA

1 — *Um homem no mundo*

À mesa, ou às janelas verdes do além,
fazes parte da harmonia do universo
o teu gesto de amor
é um princípio de mundo
que mil vêzes a cada instante recomeça
e termina
para que existas
sem finalidades nem sonhos nem prantos
ou sonhos e prantos e flôres e máquinas.

II

Estás à janela
de costas às constelações que rumorejam
aos dínamos suaves do mundo
que trabalham sem cessar nem cansaço
isentos de toda atenção
de toda solidão, amor, música, desespero.

Ao mundo que trabalha
há séculos, anonimamente,
para que existas e ames
vegetalmente ames
e sonhes inútil
e vivas — corpo minúsculo
jogado no espaço —
junto aos homens, aos ádrios, aos oceanos
e às comidas procuradas ou despresadas
do almôço.

2 — *Anticanto*

Comprei a praia do olvido
(como um deus calcáreo
apagui a memória).

De costas para o mar
ergui todos os nomes
gestos e esquecimentos.

Reinventei o silêncio
como todo mundo
nos jardins silenciosos.

Vilipendiei a esperança
(velha e côr-de-rosa
como tôdas as esperanças).

Depois visitei (inútil)
a pátria de inúteis sonhos
como tôdas as pátrias.

3 — *O equilibrista*

Tocávamos clarinete na corda bamba
subíamos às altas tôres do Egito
passeávamos de paraquedas
no sol sem fim dos dias de fogo
subíamos à capota do avião
por cima das nuvens
recitávamos poemas à lua
tocando nela.

Andávamos nos parapeitos dos edifícios
de um pé só na balaustrada dos abismos
não caíamos dos fios metálicos do circo
andando de cabeça para baixo
nem do alto da torre Eiffel correndo sonâmbulo.

Só na vida é que não nos equilibrávamos.

4 — *Roupaagem*

Já desbotada a razão de viver
coso-me com as minhas próprias linhas
e prego remendos na alma.

Na alta costura do não fazer nada
deito-me tranquilo
finitamente a esperar o infinito
que, como a esperança, não existe
e não virá nunca
ó Grande Peixe das Nuvens
— o mais cruel desenho
de um velho bordado.

5 — *Vida*

E súbitamente
fomos requisitados por tôdas as loucuras
e pedimos amor às moças
de manhazinha
e entramos na fila do remédio do tédio
e esperamos a vida de gravata borboleta
e fizemos os nossos crisóis.
Com os óculos de tartaruga
contemplamos as mulheres do próximo
supervisionamos as pedras do passeio público
passeamos a cavalo pelas avenidas centrais
pedimos desculpas a todos em voz alta
com os nossos gestos acesos e peripatéticos.
Senhor! a vida é café-pequeno.

6 — *Dois poemas*

Estamos sós, muito sós
e isso é tão doloroso como se não estivéssemos.
Nada dentro de nada
nada se cria nada se perde
— o homem é inútil —
como a vida e as coisas e o mundo e as explicações.

(Como aquêles homens amargurados de serem tísicos
nós tínhamos, há muito, pôsto a alegria a *knock-out*).

II

Ser tísico ou físico ou lírico
ou químico ou agricultor
tudo é a mesma coisa
pois tudo é inútil
como as coisas que não existem.

7 — Retrato

Chatérrima criatura
(vestida de insônia
e anjo)

passei a vida
sem violência e calma
e nada desfiz.

Sou um velho
aeromoço
com a cara em ruínas.

8 — Retrato

Boquiaberto,
permaneço fechado,
Inquieto,
permaneço passivo.
Ainda vivo
ainda estou morto.
Confidencial:
já sou esfinge
já sirvo-me para nada
já me desgosto
como sempre.

9 — Os regentes do século

Os regentes do século
são a Baía de Guanabara
os charutos Danemann
e doze doses de uisque escocês.

O Ditador do Mundo
é o dinheiro, a ONU e a URSS
mas há lugar ainda para o amor
simples e inquieto.

Eu também estou transviado
na loucura do medo
e passeio de barco no cais de Mucuripe
esperando o gigante das ondas
do céu e do ar.

Esperando que os Estados Unidos
façam um pássaro de fogo
e riskem um fósforo no azul
para a combustão das nuvens.

Ontem chamei duas moças
vestidas de organza
e pendurei no quadro
de minha bicicleta vermelha.

Ouvi radiolas rádios televisões
pus meu coração na máquina
de lavagem de roupas
e ela enguiçou. Ó tarde,
ouvi tua canção pesada e aflita.

10 — Biografia

De Numa Pompílio
vou contar a triste história:
nasceu viveu morreu.

Tudo mais são águas
que o absurdo cobre.

11

I

Para refazer-me das estações perdidas
embriaguei-me no escuro compacto branco
rei sem dinheiro e sem pobreza
sem mensagem nem vírgulas
e atirei-me da janela do 10.^o pavimento
do meu sonho
vestido como um marinheiro estrangeiro
que perdesse uma amada em cada pôrto
ou como um leopardo surdo sujo e cego
que nada soubesse de nada nem de anjos
e que visse um inimigo em cada pôrto
do escuro
sujeito aos malignos desígnios do Inconcebível
e parado com um morto coberto de gelo
entanto doente como um cadáver vestido de
velas.

II

Em tudo vejo beleza quando estou simplório
em tudo mastigo o impossível ao contato do sol
sei que sou um rei quebrado e mutilado
à espera da desesperança perdida
à espera das vírgulas, dos ponto-e-vírgulas
e dos relógios
à espera do almoço
à espera definitiva do meu nada intacto.
Sou o que antes de ser não foi
sou o que nunca será nem poderia
sou o que se debruça
o que se debruça sozinho sobre um jardim
inexistente

o nauta vestido de mel
sou o que deambula as bulas papais
o que disse: sai frenético
vem cobrir-me de sonhos
para enfrentar o apocalipse
para sentir minha alma no aço do sol.

12

Eram trezentas e cinquenta naus-bretoas
navegando para a castidade
no meu coração vinícula e amarelo.

Veio Sindulfo Nonato
e perguntou pelas andorinhas
no antigo silêncio dos meus olhos.

E eram feras batidas,
esbatidas e calcáreas,
minerais mentecaptos
capturando o olvido.

E as tôrres se afivelavam
contra os céus aflitos
e todos tinham um centímetro de amor
pela pátria, o dinheiro e a vida.

E de viés vieram tôrres ebúrneas
corroidas pelo miramar das miragens
dançando siguiriyas
e dançando corpo-a-corpo
com a miséria de tôdas as eras da vida.

— Na sala dos cansaços extintos.

13

Então caminhamos em direção à alvorada
e descobrimos sete flôres no Egito

e sete covas dos novos
Cavaleiros do Apocalipse.

Ipsa facto dançamos um calipso
descobrimos *la luna*
e uma moça que sabia inglês.
Fizemos nascer o céu.

Se é mentira
Papai do Céu castiga.
Se é verdade,
êle castiga também.

14

Autrefois havia
um padre côncavo
que furnia
pêlagos profundos
e uma moça esclerótica
vestida de amor e nunca.

Havia um padre côncavo
convexo, excelente.
Havia uma mulher nua
e uma viagem sempre
para aonde, sem querer.

Havia um crustáceo gentil,
uns olhos bêbados voando.
Havia uma hárpia,
uma harpa, um quadro de Arp
e um Rinocerante.
Aliás melífluos!

Havia um avião malungo
um metal metafísico
'enroscado em bisnagas
de atlântida.
Havia um Rinocerante imóvel,
violado.

15

Tínhamos marys longas
guardadas
no alto ombro da memória

e tínhamos lanternas verdes
mergulhadas nos olhos
fechados de solidão.

O alto espírito da musa,
da música e dos sonhos,
em mim
— velho fantasma aflito
entre cinamomos e algas
e edifícios e seios,
que não ouvia sons mas côres de sons,
nova edição de infinitos —
deixou-me perplexo e perdido
diante do mundo,
praia bela e absurda,
calcárea e deserta.

16

Amigos das máquinas eletrônicas
e dos navios ingleses
amo o próximo como a mim mesmo
ou seja: com certo comedimento.

Não, nunca fui bar-man na Noruega
sou um mero colecionador de vísceras expostas.

Eu vi quilômetros e quilômetros
o incêndio do Reichstag
e um por-do-sol no dia 18 de abril de 1957.

Eu vi a luta do Polvo com o príncipe
e um dia andei entre ruínas a procura de nada.

Não sei: o que acontecerá em 1998,
no último dia do século
que dínamos serão seviciados.

Eu, francamente, não me acostumo a esta nostalgia
a êstes palimpsestos
às pirâmides do Egito.

Nunca fui à Patagônia
não sou do Pentágono
não conheço ninguém nos cabedelos do Líbano.

Hoje estou cercado pelos meus cabelos
pelos vômitos novos
pelas línguas e vírgulas
pelas rocas confusas.

Mas, o que poderemos fazer pelos sátrapas?

Genebra, 12.63

17

A mixórdia
a anêmona

A Traviata
o rastaquera

A pomba lesa
o sanfoneiro

O lusco-fusco
O Dr. Clarimundo

A légua e meia
o knock-out técnico

O amor ilúcido
o radiograma.

18

A náusea
o estrasilause
o dentefrício

o piroqueta
a estância máxima
o piriquito

A múmia nova
o óbvio nôvo
o rei-momo ativo

o paraquedista
a divindade
o glu glu glu

o etc azul
o Nicomedes
a bengala torta.

Genebra, 1965

19 — *Vômito*

A vida é um duro ofício
de roer as nuvens
e eu vejo o céu pelo lado de cá.

Estou só, só e deserdado,
como um calabrês amando seus filhos,
como um homem olha o sol
e pensa no amor.

Como um homem sem pensar em nada,
como um homem com vontade de vomitar.

20 — *Lúcido*

Só me resta dar gritos
como a loucura que nos finge
que liberta.

Só me resta a sensação inútil
de estar morto ou vidro
como uma pedra.

GENÉTICA, CULTURA E
PERSONALIDADE

PESSOA DE MORAIS

Ao nascer, os indivíduos apresentam uma gama variadíssima de peculiaridades: uns são fortes e robustos, outros fracos e enfermigos; uns nascem saudáveis, outro apresentam deformações e defeitos orgânicos de natureza múltipla.

É interessante assinalar que alguns tipos humanos nascem com uma maior habilidade de sobreviver diante de condições desfavoráveis do que outros. É muito diversa, assim, do ponto de vista genético, a viabilidade dos indivíduos, porém as condições ambientais, sobretudo os cuidados médicos, a dieta, a higiene, o modo de vida em geral, podem fazer prolongar a vida. O elemento hereditário estabelece certas condições, porém a duração específica da vida, está também na dependência direta de fatores socioculturais.

Acredita-se, pois, existirem diferentes combinações de genes para cada pessoa, de que podem resultar tipos humanos favoráveis ou desfavoráveis, em graus diversos. Parece até haver combinações de genes que dotam o indivíduo de caracteres tão satisfatórios que podem imunizá-lo em relação à tuberculose e outras doenças infecciosas, ou mesmo torná-lo menos predisposto ao câncer do que a maioria das pessoas.

Também é favorável existirem genotipos especiais para a longevidade, não se sabendo se a vitalidade que disso resulta, é de todos os tecidos e órgãos, ou se tal fator de longevidade atua, primeiramente, por meio de simples órgãos, como o coração, por exemplo, ou por intermédio de algum hormônio produzido pelas glândulas (1).

Há pois, para cada pessoa, distintas combinações genéticas, acarretando cada uma dessas combinações, consequências de natureza muito variada. Algumas delas, são catalogadas no